

**JOVENS EGRESSOS DE PROJETOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO:
EFEITOS DA EXPERIÊNCIA NA ENTRADA PARA A VIDA ADULTA**

Gianne Neves Oliveira

PUC SP

Bolsista do Programa Internacional de

Bolsas da Fundação Ford

INTRODUÇÃO

Este trabalho contém resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento que tem como objetivo interpretar os efeitos das experiências vividas por jovens egressos de projetos sociais de comunicação, da área de produção audiovisual, sobre as formas como estão ingressando na vida adulta. O presente trabalho refere-se a um dos relatos de vida que compõem este estudo, enfocando a sua trajetória permeada de influências das experiências vividas ao longo do projeto social.

A identificação dos jovens egressos se deu através da análise de projetos com jovens desenvolvidos pela organização não governamental CECIP - Centro de Criação de Imagem Popular. Por meio do relato de vida dos jovens egressos desses projetos, foram produzidos dados que podem contribuir para a compreensão dos efeitos desses projetos sociais, na vida dos sujeitos investigados e para o mapeamento da diversidade de caminhos percorridos por eles até a vida adulta.

Esta pesquisa tem como área de conhecimento as Ciências Sociais, na busca por compreender o indivíduo, sua capacidade de contribuir para as transformações sociais e sua interação com o outro e a sociedade, além de contribuir para a lacuna que existe, em diferentes áreas do conhecimento, no que se refere a uma escassez de estudos sobre as conseqüências, a longo prazo, de projetos sociais de produção audiovisual na vida de jovens egressos desses projetos.

Neste estudo os jovens são considerados como sujeitos narradores de suas histórias, que apresentam características semelhantes entre eles e especificidades também. Buscar a unidade entre os jovens, não está relacionado a ideia de *aparente unidade*, fazendo referência somente a uma fase da vida e tão pouco a ideia de *diversidade*, considerando somente as diferenças de sociais. Juventude não é socialmente homogenia e não se pretende fazer aqui uma mera generalização que desconsidere toda a produção a cerca das especificidades da juventude brasileira. A proposta é sair da polarização das correntes *geracional e classista*, considerando (Pais, 1990) e refletir sob a ótica da diversidade da condição social, o caráter universal da juventude, a partir de parâmetros menos rígidos.

A proposta desta pesquisa é considerar juventude enquanto parte de uma unidade humana, com igual potencial de aprendizado e competência criativa na utilização da tecnologia, que coloca todos os jovens confrontados com problemas e soluções de ordem muito iguais, direcionados para a *condição humana* (Morin, 2011).

O tema transição para a vida adulta se relaciona com essa iniciativa de projeto social de comunicação com jovens, considerando que estes projetos tem a intenção de que a experiência com a produção de vídeo seja um suporte para o futuro, assim como um exercício de análise crítica do mundo que pode contribuir para que os jovens enriquecessem seus repertórios, ampliem seu leque de escolhas e estabeleçam relações a partir da confirmação ou criação de novos valores.

Para esta pesquisa foram selecionados jovens egressos, de 2 projetos que utilizaram o vídeo enquanto uma ferramenta educativa, que produziram programas de TV sobre temas de seu interesse e foram estimulados a utilizar o vídeo para expressar suas opiniões sobre temáticas diversas e interagir com o outro.

O CECIP, a partir de 1994, realizou cerca de 20 projetos que envolveram mais de 1200 jovens e adolescentes, desses 20 projetos coordenados pela ONG, utilizando a produção audiovisual como um instrumento de estímulo à participação no espaço escolar e na comunidade. Para esta pesquisa foram selecionados: *Botando a Mão na Mídia – Oficina com alunos e educadores* e *Essa Tv é Nossa*, ambos realizados entre os anos de 2000 e 2003, período em que os egressos tinham idades entre 15 e 20 anos, e agora no presente, ano de 2011, têm idades entre 25 e 29 anos, faixa-etária considerada jovem-adulto.¹

Em um contexto mais geral, na década de 90 a juventude brasileira passou a ser vista de uma forma mais plural, assim os jovens de periferia passaram a “existir”, geralmente associados a problemas sociais. Por um lado, tornava-se necessário o desenvolvimento de ações de controle social e por outro, considerando juventude como um momento de transição, fazia-se necessária a realização de ações que pudessem “preparar” os jovens da periferia.

Neste contexto os jovens se tornaram um dos principais público-alvo de projetos e programas sociais de diferentes naturezas. Essas iniciativas envolviam organismos internacionais, ONGs, organizações empresariais, entre outros. O número de projetos e programas para jovens se tornou cada vez maior, prática que continuou ao longo dos anos 2000. Assim temos hoje, uma população ainda jovem, nas periferias, que tiveram em suas trajetórias de vida a experiência de passar por projetos sociais.

A pergunta que se coloca é: quais são os efeitos da participação de jovens em projetos sociais de comunicação depois que esses projetos são finalizados? Até que ponto essas ações vêm contribuindo para uma *inserção social múltipla* (Sposito, 2005) do jovem da periferia?

¹ Adota-se aqui o recorte etário trabalhados pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) de: 15 a 29 anos, com os subgrupos de 15 a 17 (jovem-adolescente), de 18 a 24 anos (jovem-jovem) e de 25 a 29 anos (jovem-adulto).

1. JOVEM EM FOCO: caminhos possíveis

Esta pesquisa tem como categoria básica de análise a juventude, embora esta seja uma categoria que apresenta um número significativo de produção em diferentes áreas e sob diferentes enfoques ainda se tem muito a descobrir sobre a juventude no Brasil. O retrato da juventude brasileira ainda está em construção. Há uma busca pelo sentido, de sua identidade, assim como a busca por desmistificar os variados estereótipos e rótulos associados a juventude.

No Brasil, são 49,7 milhões de pessoas com idades entre 15 e 29 anos, o que representa 26,2% da população total de acordo com PNAD (2008). A produção de conhecimento no campo da juventude é crescente, porém o enfoque dos estudos foram sendo modificados ao longo do tempo, demonstrando que a juventude tem ocupado diferentes espaços na sociedade.

Nos anos 90, por exemplo, os estudos buscaram comportamentos e estilos juvenis, período de entendimento das resistências, valorização das micropolíticas e juventude vista no plural e em 2000, os trabalhos se concentraram entre outros temas, nas novas redes sociais, atuação cultural e micropolíticas cotidianas, como esta descrito em Borelli, Rocha, Oliveira, Rangel e Lara (2010). Ao mesmo tempo a associação da juventude aos atos de violência era cada vez mais crescente, fazendo com que fossem criadas políticas e programas de controle da juventude. Novaes (2009) fala sobre o enfrentamento desta violência:

Para os jovens considerados em situação de risco, foram reservados projetos específicos para conter a violência e para garantir sua ressocialização. As atividades culturais, neste contexto, foram vistas como uma importante via de contenção da violência juvenil. Por outro lado, para enfrentar a pobreza da sociedade, o remédio parecia estar nas chamadas políticas focalizadas. Para alívio imediato da pobreza, as políticas passaram a focalizar especificamente as crianças e suas famílias.

Os anos 2000, considerando as reverberações dos anos anteriores, a juventude estava diretamente ligada à expansão da tecnologia, onde a relação tempo e espaço se dava de forma diferente, assim como a tecnologia passava a ser um bem. Neste contexto que foram selecionados os seis jovens egressos de dois projetos sociais realizados entre os anos 2000 e 2003.

Neste trabalho, a reflexão sobre a diversidade de caminhos percorridos até a vida adulta será feita a partir do relato da trajetória de vida do Diego Bion. No período em que participou do projeto tinha idade entre 16 e 18, morador da Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro. Estudante de escola pública, moravam com sua família, formadas por pai/padrasto, mãe, irmãos e irmãs. Sua família tinha renda entre 2 e 3 salários mínimos.

Para compreender a entrada dos jovens egressos na vida adulta foram consideradas as dimensões do trabalho, da escola e da família. A intenção foi identificar, dentro dessas dimensões, as diversas situações em que a transição para a vida adulta pode ocorrer e a diversidade de caminhos percorridos por estes jovens, considerando os possíveis imprevistos e que os caminhos não são lineares.

O curso de vida tem se colocado como espaço para novas e inovadoras experiências, em oposição à ideia de que ele se constituía de passagens ritualizadas de uma etapa para outra (Camarano, 2006 p.21). Os problemas e incertezas são parte integrante do processo de transição dos jovens para a vida adulta. O “ser jovem” não está sendo considerado somente sob a ótica da transitoriedade, mas como sujeitos de direitos, com suas experiências, decisões e vivências, assim como a vida adulta não é considerada como algo estável e final.

Diego Bion, atualmente tem 26 anos. Participou do projeto Essa Tv é Nossa e de outro projeto do CECIP. É Assistente de Articulação de Rede, no Programa Cine Mais Cultura, do Ministério da Cultura. Mora com sua esposa e seu filho de um ano, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, em um bairro diferente do que morava na época do projeto. Trabalhou nos projetos com jovens do CECIP, durante dois anos. Participou de projetos na área de comunicação e trabalhou como educador em diferentes ONG's. Iniciou o curso de Audiovisual, de nível médio na FAETEC - Fundação de Apoio à Escola Técnica, deu aula para crianças e adultos na Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, fez trabalhos para a Fundação Roberto Marinho e iniciou na Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia. Terminou o ensino médio à distância e pretende fazer faculdade em 2012.

Diego Bion descreve como a experiência no projeto possibilitou a ampliação das suas possibilidades de vida. Em sua trajetória profissional, há uma busca pelo aprendizado constante, o aprender a fazer, a partir de uma formação não-formal. Segundo o próprio jovem a formação formal, nunca lhe fez falta. Sua entrada no mercado de trabalho se deu através do CECIP, que o contratou ao término do projeto. Diego fala sobre a ampliação de possibilidades a partir da participação no projeto e de sua trajetória profissional:

[...] uma coisa que sem dúvida marcou, que eu vou levar para o resto da vida é que assim, dentro desse período que eu passei lá e tal eu vi que eu podia ser e fazer da minha vida o que eu quisesse e não só aquilo que talvez as pessoas digam que determinadas pessoas possam fazer, foi nesse contato com vocês que eu descobri que eu podia fazer, ser da minha vida o que eu quisesse[...]

[...] o primeiro trabalho que eu tive foi no próprio CECIP [...] aí enfim continuei no CECIP durante um tempo e tal e aí teve um dia que eu falei pô não quero mais, quero conhecer outras pessoas também, outras maneiras de trabalhar, trabalhar em outros lugares e tal aí eu recebi uma proposta para trabalhar aqui em Nova Iguaçu e aí foi muito legal essa época.

[...] eu queria aprender como eu poderia usar essas linguagem de maneiras diferentes e eu acho que cada um desses lugares que eu passei tanto como oficineiro, professor, quanto como aluno me deram essas questões, me deram mais coisas para pensar a respeito do como, que pra mim é a grande questão, a forma como você faz, não exatamente o que você faz, principalmente falando de audiovisual, de narrativa, enfim contar histórias, a coisa toda é como é que você conta ela e não o que você ta contando².

Diego descreve um grande exercício da autonomia ao fazer escolhas ao longo do projeto e depois de sua finalização. Ele coloca em prática a negociação entre a dependência e a independência, uma das características que contribuem para a compreensão da entrada do jovem na vida adulta.

As relações que os jovens estabelecem com o tempo – presente, passado e futuro – no que se refere ao trabalho, escolarização e família não estão sendo vistas como etapas lineares para atingir o mundo adulto, característica do processo tradicional de transição e sim o sentido global dessas categorias no contexto das experiências de vida dos jovens. A consciência temporal, o modo de conceber e de vivenciar o tempo, não é nem um dado biológico, nem um dado metafísico.

A mudança no significado de futuro vem interferindo nas definições das biografias juvenis. Para Leccard (2005, p.38), a *primeira modernidade* construiu o significado do futuro como tempo da experimentação e das possibilidades, a *segunda modernidade* encara-o como dimensão incerta, como limite potencial, mais do que como fonte de recursos. O projeto de vida deixa de ser o princípio que estrutura a biografia juvenil, passando a existir novas formas de os jovens se relacionarem com o futuro.

Neste sentido, tentou-se, nesta pesquisa identificar como as experiências vividas

² Entrevista realizada pela autora, em 21/07/2011.

influenciaram no agir atual desses sujeitos e nas escolhas e decisões para o futuro, considerando o futuro como “presente estendido” - espaço temporal que bordejia o presente, adquirindo um valor crescente, paralelamente à aceleração temporal contemporânea, favorecida pela velocidade dos tempos tecnológicos (Leccard, 2005 p. 45).

Diego relata como foi o seu processo de saída de casa para a formação de sua família. Uma das possibilidades de caminhos que pode ser seguido pelos jovens.

Eu estava namorando com a minha mulher, então no início eu ficava meio entre a casa da minha mãe, da minha vó, do meu pai e a da minha mulher, depois eu fui ficando cada vez mais na minha mulher e aí ficamos morando lá durante boa parte do nosso relacionamento e aí tivemos o bebê, e na época que a gente engravidou a gente já estava com várias “paradas” compradas pra nossa casa, que era nossa saída, mas aí engravidamos e decidimos ficar mais um tempo por conta do bebê³.

Este depoimento enriquece o debate sobre a diversidade de caminhos que podem ser seguidos pelos jovens. O quanto é necessário fazer e refazer estratégias em busca de objetivos. Percursos escolares mais prolongados ou interrompidos, entradas tardias ou antecipadas no mercado de trabalho, estáveis ou instáveis, assim como a formação de família na casa dos pais ou não, são fatores transversais que redefinem a transição (Guerreiros e Abrantes, 2005) e são condições importantes para a inserção na vida adulta. Esses aspectos apresentam diversas variações de modo e tempo na transição dos jovens para a vida adulta. Os resultados em Camarano (2004, p. 21) enfatizam a multiplicidade de etapas e estilos em que as transições para a vida adulta podem ocorrer, sugerindo que os processos de transição são marcados por trajetórias não-lineares das fases da vida.

A par das mudanças que ocorrem em vários níveis na sociedade contemporânea, também os processos de entrada na vida adulta sofrem importantes transformações. À medida que o acesso à informação e a todo um conjunto vasto de recursos se dissemina em escala global e está disponível às populações, permeando e moldando os seus cotidianos, encontram-se cada vez mais pontos de semelhanças em diferentes sociedades entre as formas de ser jovem e ser adulto.

Esta pesquisa entende que a tecnologia pode ser utilizada enquanto um meio de

³ Entrevista realizada pela autora, em 23/07/2011.

interação entre as pessoas, não enquanto telespectadores, mas enquanto produtores de programas televisivos, ampliando as expectativas através do olhar, não simplesmente o olhar para a tela, mas um olhar para o mundo através da lente de uma câmera.

Para Martín-Barbero (2004), o papel chave das novas tecnologias de comunicação está na formulação de novas demandas sociais, elas tornam possível a emergência de uma nova linguagem e de um novo discurso social, o discurso popular maciço.

2. CONCLUSÃO

Os projetos dos quais Diego fez parte representaram um espaço de construção da subjetividade, experiências que contribuíram para a socialização juvenil. Durante os projetos ele pode aprender a fazer uso da linguagem audiovisual, como um instrumento de expressão, assim como qualquer jovem que tem acesso a tecnologia e estímulo para fazer uso dela na sua vida cotidiana. A produção audiovisual continua fazendo parte da sua vida profissional, pois hoje, além de trabalhar no Programa Cine Mais Cultura, ele realiza um cine clube na cidade de Nova Iguaçu, onde mora.

Diante dos dados dessa pesquisa, entende-se que a tecnologia foi utilizada enquanto um meio de interação entre as pessoas, não enquanto telespectadores, mas enquanto produtores de programas televisivos, ampliando as expectativas “*simplesmente através do olhar*”, considerando MARTÍN-BARBERO (2008), não simplesmente o olhar para a tela, mas um olhar para o mundo através da lente de uma câmera.

De acordo com as ideia de Martín-Barbero (2004), tecnologia ganha diferentes sentidos, um deles é a possibilidade desta tecnologia mediar a produção cultural e fazer com que as pessoas se apropriem e produzam a cultura através dela. Pode ter também o sentido de possibilitar diferentes formas de comunicação, relações e intervenção na sociedade. Esta é uma forma contemporânea de relação entre produtos e usos, conteúdos e práticas, como brechas abertas na modernidade pelas culturas dominadas para fazer diferença e promover resistência.

Diego demonstra ter objetivos de vida muito claros, objetivos estes que passam por escolhas profissionais, maneira de se relacionar com as pessoas, formação de família, assim como consciência sobre o lugar que querem ocupar na sociedade. A dimensão da formação do ser humano é o principal efeito dos projetos sociais dos quais participou, o que possibilitou que ele criasse projeto de vida, não para o futuro, mas para ser vivido no presente como caminho para este futuro. De maneira autônoma, criou diferentes estratégias para realizar sua

formação profissional e colocá-la em prática e assim se inserir socialmente, indicando uma diferença no modelo da trajetória de vida de seus pais e gerações anteriores.

Apesar desse crescimento pessoal, assim como grande parcela dos jovens moradores de periferia urbana, esses jovens egressos desses projetos sociais, também segue encontrando dificuldades no acesso a formação educacional de qualidade, na permanência nas instituições de ensino e no mercado de trabalho, no acesso a cargos com melhor remuneração.

Os projetos sociais contribuíram para que os jovens reorganizassem suas trajetórias de vida, a partir do acesso a uma tecnologia de informação, onde tiveram diferentes capacidades, mas faz-se importante fazer uma análise crítica, considerando um panorama mais geral da sociedade em que estamos inseridos. Wanderley (2010) aponta riscos na centralidade dos termos capacidade e oportunidades no processo de melhora de condição de vida pessoal.

[...] centrar a análise sobre os indivíduos em sua particularidade, de qualificá-los para o bom desempenho de funções requeridas pelo sistema, ajustando-os à normalidade existente; e por consequência, minimizar quer a atuação dos coletivos quer as possibilidades de mudanças básicas. [...] as escolhas pessoais certamente serão mais valiosas e virtuosas se atreladas à estratégias gerais.

Esta análise contribui para a ideia de que, apesar de projetos sociais com grupos de jovens com identidades individuais, produzirem resultados satisfatórios, faz-se necessária uma análise estrutural, apontando a potencialidade da ação combinada entre governo, mercado e sociedade civil na garantia dos direitos juvenis.

REFERÊNCIAS

BORELLI, S. H. S.; LARA, M. R.; OLIVEIRA, R. A.; RANGEL, L. H. V.; ROCHA, R. M. Jovens urbanos, ações estético-culturais e novas práticas políticas: estado da arte (1960-2000). In: **Jóvenes, cultura y política en América Latina: algunos trayectos de sus relaciones, experiencias y lecturas (1960-2000)**. Sara Victoria Alvarado y Pablo A. Vommaro (org). Buenos Aires: Homo Sapiens/CLACSO-Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2010.

CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e, PASINATO; Maria Tereza; KANSO, Solange. **Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2004, p. 1-29 (Texto para discussão, 1.038).

CAMARANO, A. A. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

GUERREIROS, Maria das Dores e ABRANTES, Pedro, Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. **RBCS** Vol. 20 nº. 58 junho/2005.

LECCARD, Carmen. Por um novo significado de futuro – mudança social, jovens e tempo: in **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, pp 35-57, novembro/2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação , cultura e hegemonia**. 5 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____Tecnologias: inovações culturais e usos sociais. In: **Ofício do Cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; Tradução Eloá Jacobina. -19ª ed - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

NOVAES, Regina Reys. Prefácio. In CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de, orgs. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília : Ipea, 2009.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude – alguns contributos**. Análise Social, vol XXV (105-106), 1990.

SPOSITO, M. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. A questão social no contexto da globalização: o caso latino-americano e o caribenho. In: WANDERLEY, Mariângela Belfiore; BÓGUS, Lucia; YAZBEK, Maria Carmelita. **Desigualdade e a questão social**. -3 ed. São Paulo: EDUC, 2010.